

HERVIEU-LÉGER, DANIELE. *O PEREGRINO E O CONVERTIDO*. PETRÓPOLES: VOZES, 2008. 238 P.

Rodrigo Toniol\*

*O Peregrino e o convertido* é um dos principais livros da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, diretora da École des Hautes Études en Sciences Sociales e editora da revista *Archives de Sciences Sociales des Religions*. Tendo já se afirmado como uma das principais pesquisadoras das ciências sociais da religião, Danièle Hervieu-Léger toma como fio condutor de suas obras a transformação da paisagem religiosa contemporânea e suas implicações naquilo que se refere, por exemplo, à laicidade, às práticas públicas relacionadas aos rituais fúnebres, à memória, à herança das identidades religiosas e às comunidades confessionais. Apesar de ser uma referência importante na área de estudos da religião no Brasil, *O peregrino e o convertido* é o primeiro livro da autora editado no país. Tal obra lança para o leitor questões resultantes da constatação de que a modernidade secular “supostamente governada pela razão científica e técnica” não trouxe para o mundo uma marca “a-religiosa”, mas ao contrário, carregou consigo uma verdadeira nuvem de novas crenças. Neste contexto, a autora se propõe a discorrer sobre questões-chave como de que modo “identificar o que está ligado propriamente à religião nas sociedades modernas? E qual é o lugar da religião nestas sociedades que se reivindicam leigas e consideram a adesão religiosa como um assunto individual e privado?” ( p. 17-18).

Em contraposição a apostas empreendidas por boa parte dos sociólogos da religião, as quais apontavam para o aumento da racionalização da vida pública e privada em detrimento das práticas religiosas no pós II Guerra, Danièle Hervieu-Léger situa, nos anos posteriores à década de 60, uma guinada teórica. Neste momento, ao se reavaliar alguns elementos do funcionalismo como a racionalidade, produziu-se uma mudança na forma de pensar a relação entre religião e

---

\* Graduando em Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: rodrigo.toniol@gmail.com

modernidade que, até então, eram tidas como incompatíveis entre si. Esse deslocamento deu vigor a pesquisas empíricas que demonstravam a constituição de uma modernidade bastante profícua para a proliferação de crenças religiosas.

Os principais elementos da modernidade religiosa que figuraram como objetos inspiradores desta transformação podem ser caracterizados, sobretudo, pela autonomia do indivíduo para compor seu próprio sistema de crenças. Desta forma, tanto a experiência religiosa passa a ocorrer no plano da intimidade do sujeito, como também a certificação da verdade deixa de estar submetida a normalizações institucionalizadas, podendo ser atestada pelo próprio indivíduo. As crenças se constroem de um modo altamente fluido e, ainda que não estejam submetidas às suas instituições, tomam “emprestados e reutilizam” elementos originários das grandes tradições religiosas. Essa nova configuração do mundo religioso, defende Hervieu-Léger, produziu o enfraquecimento das instituições reguladoras do crer, tendo como consequência o retorno da fórmula que era aplicada a sociedades não modernas: a religiosidade está em toda parte.

Este fenômeno, de algum modo, dificulta o reconhecimento do objeto religioso. E assim caberia perguntar como identificar a crença ou o pertencimento em práticas tão difusas e descoladas das instituições? O que a autora sugere como um possível elemento a ser perseguido neste contexto é aquilo que chamou de religião pela memória: trata-se de conceber o religioso não a partir do conteúdo das crenças, mas por meio da continuidade de crenças entre gerações sucessivas. O que torna um sujeito religioso não é o fato de crer em Deus, mas sim, o de reconhecer sua crença religiosa numa tradição herdada.

A continuidade mínima das crenças como condição para o reconhecimento das identidades religiosas, tema que Hervieu-Léger tratou extensivamente no livro *La religion pour mémoire* (HERVIEU-LÉGER, 1993, p. 28), é um dos principais pontos de partida para a discussão de *O peregrino e o convertido*, que procura esclarecer de que modo

(...) os fenômenos de recomposição [das crenças] se inserem concretamente no panorama religioso (...) marcado pela difusão do crer individualista, pela disjunção das crenças e pertenças confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por “crentes passeadores”.

O livro está dividido em seis capítulos. No primeiro deles, Hervieu-Léger nos oferece alguns apontamentos sobre a modernidade religiosa, destacando que, tanto o processo de transformação do panorama religioso, como o declínio das religiões tradicionais, não está colocando em xeque o conteúdo destas crenças. Esses fenômenos dizem, isso sim, respeito a uma crise de credulidade nestes sistemas religiosos que se apresentam aos sujeitos como totalizantes, “códigos globais de sentido no interior dos quais se supõe que toda experiência humana individual e coletiva encontre sua coerência” (HERVIEU-LÉGER, 1993, p. 56). Em contrapartida, a modernidade pode ser caracterizada como uma “destotalização” das experiências. É, em alguma medida, em função da incompatibilidade entre aquilo que é oferecido pelas grandes tradições religiosas, e a demanda dos indivíduos por crenças que se adaptem aos seus problemas particulares, que as instituições perderam sua capacidade de regulamentação dos pertencimentos. Com isso, abre-se a possibilidade de construção de novos modelos religiosos; criativas bricolagens feitas por cada indivíduo que viabilizam, por exemplo, crer sem aderir, conforme sugere Hervieu-Léger.

No capítulo seguinte, seu interesse volta-se para aquilo que chama de fim das identidades religiosas herdadas. Sua questão inicial é, como num contexto de extrema individualização da crença estão relacionadas religião e memória? Noutras palavras, de que modo a transmissão das identidades religiosas, que garante a sobrevivência e o autoreconhecimento da comunidade, situa-se num tempo em que a “imediatidão é a regra geral”? O importante nesta indagação, aponta Hervieu-Léger, é compreender que, se há um caráter “a-religioso” nas sociedades modernas, sua justificativa não reside num pretenso desenvolvimento da racionalidade, mas sim neste “nó da crise de transmissão”. Nossas sociedades, nos diz a autora, são “amnésicas”. Com o comprometimento da herança de memória coletiva, os sujeitos são “conduzidos a produzir por si mesmos a relação com a linhagem da crença na qual eles se reconhecem” (HERVIEU-LÉGER, 1993, p. 64). A identificação passa a ser livre, e a pertença negociada a partir da manipulação dos recursos simbólicos adquiridos na trajetória individual. O caráter dinâmico do mundo religioso moderno facilita a entrada e saída das religiões, transformando a imagem do crente, antes fixo e estático, em móvel e autônomo. Para evocar esta transformação sugere as figuras do peregrino e do convertido.

O terceiro capítulo é uma tentativa de assumir o desafio de pensar na religião a partir do movimento, da fluidez da paisagem religiosa moderna. A estabilidade das identidades religiosas, cristalizada na figura do fiel praticante, mudou de sentido – deixou de obedecer a imperativos institucionais e passou a se organizar a partir das necessidades e escolhas pessoais. A imagem do caminho percorrido por esse novo crente em busca da composição de suas crenças e pertencimentos comunitários, remete-nos à figura do peregrino. Com esta metáfora, Hervieu-Léger aponta para um duplo sentido: primeiro, relacionado à fluidez dos percursos que o sujeito experimenta na construção de sua identidade espiritual e individual. Segundo, remete à forma de sociabilidade religiosa que se dá, justamente, com a mobilidade e associação temporária.

No capítulo quarto, é apresentado ao leitor a figura do convertido. Paradoxalmente, além do processo de enfraquecimento das instituições religiosas, o século XX foi também um século de conversões. Com a relativa autonomia dos crentes diante das regulações da crença, houve um aumento do número de indivíduos em busca de identidades religiosas adequadas às suas necessidades. Tendo em vista uma sociedade em que a identificação religiosa tornou-se, acima de tudo, uma questão a ser resolvida no plano da individualidade, a figura do convertido surge como a de um sujeito exemplar, capaz de compor sua identidade religiosa a partir de uma escolha pessoal e por isso autêntica.

As figuras do peregrino e do convertido cristalizam-se no quinto capítulo como possibilitadoras da descrição de uma paisagem religiosa em movimento e, também, como capazes de demonstrar que o que está no centro é o indivíduo. Ainda que comporte práticas e crenças bastante heterogêneas, a religiosidade moderna é marcada pela valorização das experiências subjetivas dos indivíduos, que, além de estruturar seu próprio sistema de crenças, transferem para si, em alguma medida, os critérios de legitimação do crer. Para as comunidades, o efeito desta forma de desinstitucionalização das religiões é o enfraquecimento das pertenças, tornando cada vez menos relacionado o ato de crer ao fato de pertencer.

O enfraquecimento das instituições, frente a um panorama bastante fluido das crenças individuais, não se manifesta apenas por meio do esvaziamento de fiéis das grandes tradições religiosas, mas também pela *pane da laicidade* que, no

sexto capítulo, é apresentada pela autora como um modelo religioso já ultrapassado. A transformação do cenário religioso coloca novas questões ao Estado laico, que entra em choque, por exemplo, quando a administração da crença deixa de estar sob o comando de determinadas instituições religiosas, passando a ser reivindicada por grupos que se proliferam. Tomando em conta o exemplo da França, impõem-se o problema de como controlar a concessão de benefícios a grupos religiosos, garantidos pela constituição, sem ferir o direito à liberdade religiosa num cenário como esse? Ou então, de como lidar com questões postas pelo Islã, tendo um modelo de laicidade elaborado a partir de religiões judaico-cristãs? Hervieu-Léger aponta como um dos possíveis caminhos a serem percorridos em busca de uma laicidade mais apropriada ao panorama contemporâneo: o diálogo inter-religioso. Uma espécie de “mediação laica” que, partindo daquilo que os próprios grupos demandam, reconheça a diversidade de crenças e assim recomponha o “quadro de valores” que organiza e orienta a expressão pública (HERVIEU-LÉGER, 1993, p. 238).

Muito mais do que uma “caixa de ferramentas”, como a autora pretendia inicialmente, *O peregrino e o convertido* apresenta uma reflexão sobre as consequências que a *religião em movimento* impõe para variados setores da sociedade. A leitura de Hervieu-Léger no Brasil tem nos ajudado a compreender de que modo a modernidade não imprimiu o declínio das crenças religiosas, mas, sobretudo, resultou na sua transformação.

## REFERÊNCIAS

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion pour mémoire*. Paris: Éditions du Cerf, 1993.